



REFLEXOS DE UM PERÍODO PÓS PANDEMIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA- UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Roberta Vidigal da Costa¹
Kézia Cristina de Araújo²
Noyra Melônio da Fonseca³
Walkíria de Jesus França Martins⁴

A pandemia de covid-19 que atingiu todos os setores da sociedade, teve resultados ainda mais evidentes na educação, onde o contato dos alunos com a escola precisou ser interrompido, ocasionando danos desmedidos ao processo de ensino-aprendizagem dos educandos que puderam ser diretamente observados pelas discentes através do contato com a escola no âmbito da terceira edição do Programa Residência Pedagógica no Subprojeto EduPen - Educar para o Pensar, São Luís-UFMA. Diante do exposto, o presente trabalho foi elaborado a fim de se explorar as experiências vivenciadas no primeiro módulo do programa, perpassando pelas dificuldades enfrentadas por todo corpo escolar após o período pandêmico, bem como os resultados dessa fase no comportamento e aprendizagem das crianças. Os resultados iniciais nos permitem informar que: 1. É notável a diferença entre os níveis de aprendizagem das crianças; 2. Problemas relacionados a déficit de atenção se tornaram ainda mais comuns; 3. A relação entre os pares enfrenta instabilidades ocasionadas pelo longo período em isolamento; 4. As crianças enfrentam barreiras emocionais encontradas no relacionamento consigo e com o outro, ocasionando problemas como o bullying e outros tipos de agressões. Ainda assim, as experiências aqui relatadas se mostraram de fundamental importância na formação das discentes, propiciando a articulação da teoria e prática, e favorecendo o exercício de uma práxis contextualizada e reflexiva.

A metodologia utilizada foi a qualitativa através da participação observativa, constituindo-se através da inserção das discentes no ambiente de sala de aula durante dois dias

¹ Graduando pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UFMA, roberta.costa@discente.ufma.br

² Graduando pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UFMA, kezia.cristina@discente.ufma.br;

³ Graduado pelo Curso de Pedagogia, pós-graduação em psicopedagogia clínica e institucional, mestrado em educação pelo PPGEEB, noyramelonio@gmail.com

⁴ Professora Orientadora: Doutora, Departamento de Educação I - UFMA, walkiria.martins@ufma.br



da semana na escola campo da rede municipal de São Luís- Ma, localizada na área urbana da cidade, onde buscamos auxiliar o trabalho das professoras na dinâmica cotidiana das atividades realizadas, nos envolvendo pois, então, intrinsecamente com o lócus da pesquisa. A prática aqui relatada esteve ancorada em referenciais teóricos promovidos pela professora preceptora através de reuniões e oficinas realizadas semanalmente ou quinzenalmente, de acordo com a demanda, onde foram abordados autores como Morin (2000), John Dewey (1952, 2010) e a própria preceptora, Walkiria Martins (2020, 2022) que agregaram sentido e intencionalidade às vivências na escola.

Os principais referenciais teóricos aos quais ancoraram nossa prática, baseiam-se no livro *Os sete saberes da educação* de (Edgar Morin, 2000) onde no capítulo V o autor discorre sobre a importância da educação organizar o conhecimento levando em consideração: o contexto global, o multifuncional e o complexo, o mundo está em constante transformações e mudanças sem essas mudanças não haveria evolução e inovação, daí a importância de um sistema educacional adaptado e bem estruturado, preparado para conseguir acompanhar as mudanças mundiais que estão sempre ocorrendo, gerando o mínimo de danos possíveis para o ensino-aprendizagem dos alunos.

Também utilizamos como objeto de discussão a citação do autor (John Dewey 1952,2010) que nos fala sobre a educação ser um processo social, e em desenvolvimento não preparando os alunos para a vida, mas sendo em si a própria vida, a escola é um ambiente social, os alunos vivenciam vários tipos de experiências com a convivência com os outros, estando a maior parte do tempo cercado por pessoas, aprendendo sobre as diferenças de cada um e a respeitá-las. Porém, o que observamos é, esse processo social de educação, falado por Dewey, se quebrando abruptamente pelo período pandêmico impedindo os alunos de continuarem seu desenvolvimento, de certa forma a vida parou, e ao voltar a viver houve sequelas que precisam ser tratadas tanto na parte emocional quanto na parte educacional, as pesquisas e discussões sobre esses impactos na vida dos estudantes ainda estão caminhando, mas em nossas observações cotidianas em sala de aula notamos as sequelas da falta de convivência social das crianças com os colegas e professores.

Através das diversas discussões na universidade, direcionadas por nossa preceptora Walkiria Martins (2020,2022) conseguimos enxergar como todo esse período de pandemia afetou a nós professores e estudantes de uma maneira que vai para além do físico, vai para todas as camadas da vida, desenvolvendo um olhar empático e sensível para identificar as dificuldades dos alunos e encontrar uma forma de continuar seu processo de desenvolvimento na escola da melhor forma possível, ainda é difícil para os professores lidarem com os



impactos na educação e isso não é algo fácil e rápido de ser resolvido, as pesquisas que nós estudantes realizamos nas universidades são de extrema importância para lançar luz a todas essas questões.

A base nacional comum curricular pressupõe que, para a promoção de uma educação de qualidade, dimensões intelectuais, físicas, afetivas, sociais, emocionais e culturais dos educandos precisam estar articulados, todavia, com a adoção do ensino remoto ou semipresencial como solução para a continuidade dos processos de ensino aprendizagem no período pandêmico, tais aspectos foram seriamente afetados, resultando hoje, na volta do ensino presencial, defasagens tanto em termos cognitivos quanto em termos socioemocionais.

É importante ressaltar que nem todas as escolas tiveram condições para implementar o ensino remoto ou híbrido, onde o processo de ensino de muitos educandos foi interrompido abruptamente, sendo o caso de algumas das crianças que tivemos contato na escola campo do projeto, que resultou em notáveis déficits na aprendizagem observados já em nossos primeiros contatos com a instituição, pois:

(...)O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em operação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança (VYGOTSKY, 1991, p. 771)

Com a latência dos diferentes níveis de aprendizagem entre as crianças, a solução encontrada pela professora regente de uma das turmas de terceiro ano da escola, a qual nos destinamos, foi realizar avaliações diagnósticas da turma para entender as carências que necessitavam ser supridas durante o ano. Assim, com a nossa chegada à turma, foi solicitado por ela que atividades específicas no campo da alfabetização fossem realizadas com uma parte da turma. Logo a princípio, a professora informou que as crianças estavam em processo inicial de alfabetização, por isso as atividades elaboradas foram relacionadas a escrita de seus nomes, identificação de letras, bem como de suas junções em palavras dissilábicas. No grupo tinha, por exemplo, uma criança de 12 anos que não teve acesso a nenhuma forma de ensino durante a pandemia pois, segundo ela, a sua mãe continuou trabalhando durante o período e seus irmãos não tinham acesso a internet ou condições para buscar as atividades disponibilizadas pela escola. Através de seus relatos, foi notável o quão importante é o estreitamento das relações entre família e escola no processo de ensino aprendizagem, como cita Piaget:

Uma ligação estreita e contínua entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente,



aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (2007, p.50)

Além dos danos cognitivos, pudemos notar diferenças no comportamento emocional das crianças ao precisarem lidar consigo e com o outro em suas interações. Problemas relacionados a violência física, verbal e psicológica, que caracterizam o bullying, se tornaram também ainda mais frequentes no ensino pós pandemia. Observamos, a exemplo, em diversos momentos embates verbais, que incluíam discriminação racial e de gênero entre as crianças, além dos embates físicos que precisaram de interferência dos adultos. Tais comportamentos são resultados, dentre outros, de problemas emocionais causados pela falta de contato entre os pares durante o isolamento social, se materializando em atos contra si e contra os outros à sua volta, problemas estes que se retroalimentam e juntos interferem diretamente no desenvolvimento das crianças, dado que:

O desenvolvimento da identidade e da autonomia estão intimamente relacionados com os processos de socialização. Nas interações sociais se dá a ampliação dos laços afetivos que as crianças podem estabelecer com as outras crianças e com os adultos, contribuindo para que o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas para o enriquecimento de si próprias. (MEC, RCNEI, 1998c. v. II)

As professoras também nos relataram que após o período pandêmico puderam notar o aumento da dispersão e falta de interesse pelas atividades propostas entre as crianças, havendo a supervalorização de redes sociais que interferiam na evolução das aulas, redes essas que foram durante muito tempo a única forma de entretenimento das crianças, que agora passam por um lento, mas necessário processo de readaptação a interações sociais reais e físicas. Os relatos também puseram em questão a saúde mental das crianças, que apresentam agora sintomas de transtornos mentais, principalmente relacionados a déficits de atenção, não diagnosticados, visto que a escola se põe como espaço em que são atestadas modificações no comportamento das crianças a partir de suas interações que contribuem no diagnóstico de suas condições clínicas e, como se encontraram por muito tempo distantes desse ambiente, hoje sofrem a consequência de diagnósticos tardios e pela falta de tratamento adequado. Os resultados observados expõem o que já foi atestado há anos mas se faz extremamente atual, em que: "Freire ressalta que os sujeitos aprendem em comunhão mediatizados pelo meio. Rossato acrescenta que a educação é um processo social e que os homens se educam conjuntamente" (PULGATTI, 2012, p. 2) e nos alertam para uma educação pública pós pandemia defasada e carente de suporte físico e pessoal para lidar com as consequências do período, mas também nos direciona à construção de caminhos para a superação dos



obstáculos rumo a uma educação que se adequa a uma realidade que sempre foi pungente, mas agora se escancara diante de nossos olhos.

Em vista dos fatos apresentados, notamos como o ensino aprendizagem das crianças teve uma grave defasagem durante o período pandêmico, as escolas não estavam preparadas para lidarem com o isolamento social e o fechamento das instituições de ensino, os professores não estavam preparados para mudar sua forma de ensinar e usar as ferramentas virtuais em suas aulas, os pais não estavam preparados para assumir o papel do professor em casa, e as crianças não estavam preparadas para toda essa grande mudanças que de alguma forma mudou nossa maneira de ver o mundo e a educação. sem sombra de dúvidas os mais afetados foram os alunos mais pobres que não podiam arcar com internet residencial, celulares, notebooks e computador, também os que não tinham o acompanhamento e incentivo dos pais, formando assim, uma grande diferença em níveis de aprendizado com alunos da mesma série e idade, e isso é preocupante. por fim, para resolver essa situação algumas escolas têm adotado o reforço escolar no contraturno como medida para minimizar os efeitos do ensino na pandemia, para as questões emocionais os psicólogos e psicopedagogos fazem o trabalho de acolher e direcionar esses alunos que precisam de acompanhamento especial, tudo é feito em conjunto, mas infelizmente não são todas as escolas que podem arcar com essas medidas, gerando mais uma vez uma grande disparidade entre os alunos ricos e pobres.

Palavras-chave: Residência Pedagógica, Pandemia, Experiência, Aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Vol. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998_

DEWEY, John. **Democracia e educação introdução à filosofia da educação**. 3. ed. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1959.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, 2001.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação**. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2007.

PULGATTI, Larissa Manuella Santos. **A importância da socialização no processo de ensino aprendizagem**. Santa Maria: UFSM, 2012



VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 4 ed. São Paulo - SP: Livraria Martins, 1991. p.115.